

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

MICHEL NICOLAU NETTO

MEMORIAL

CAMPINAS-SP

2012

MICHEL NICOLAU NETTO

MEMORIAL

Memorial apresentado para o concurso público de provas e títulos, cargo de Professor Doutor I – MS - 3.1, na área de Teoria e Pensamento Social, nas disciplinas HZ-555 Pensamento Social no Brasil e HZ-655 Pensamento Social no Brasil II, do Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

CAMPINAS-SP

2012

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	3
1. Formação		3
2. Em diante		23
I. IDENTIFICAÇÃO	26
II. FORMAÇÃO ACADÊMICA	27
A. Pós doutorado		27
B. Doutorado em Sociologia		28
C. Mestrado em Sociologia		29
D. Graduação interrompida em Letras-Alemão		31
E. Graduação em Direito		31
III. FORMAÇÃO COMPLEMENTAR	32
IV. IDIOMAS	33
V. ATUAÇÃO PROFISSIONAL	34
VI. PRÊMIOS E TÍTULOS	35
VII. PUBLICAÇÕES	36
A. Livros publicados		36
B. Livros no prelo		36
C. Capítulos de livros publicados		36
D. Artigos completos publicados		36
E. Artigos aceitos para publicação		37
F. Textos completos publicados em anais de eventos		38
G. Resumos publicados em anais de eventos		38
VIII. APRESENTAÇÃO DE TRABALHO	40
IX. PRODUÇÃO TÉCNICA	43
X. PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS	44
DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS	45

APRESENTAÇÃO

1. Formação

Antecedentes

Mudei-me para São Paulo em 1996 para cursar o último ano do ginásio, no Colégio Objetivo, e me preparar para o Vestibular. Vindo do interior do estado, filho de médicos (pai e avô) bem situados economicamente, cresci com a expectativa de seguir a profissão da família. No entanto, as idas ao hospital, acompanhando meu pai em seu trabalho, me davam o sentimento oposto daquele prazer que tinha quando passava noites dedicadas às mais variadas leituras. Cedo se formou em minha mente a ideia de que se a medicina era a certeza de um futuro confortável, ela estava longe de poder se tornar minha realização pessoal.

Mas qual seria a alternativa? Ainda em São José do Rio Preto, onde nasci e vivi até os dezessete anos, um amigo tinha em sua estante toda a *Comédia Humana*, de Balzac, e me dava acesso a ela, desde que não retirasse os livros de sua casa, o que me levava quase todos os dias a visitá-lo. Lia por prazer, com a doce inocência de quem descobre, sem crítica, algo que ama. Bem mais tarde me lembro de ler um diálogo – não sei onde – no qual é indagado a uma personagem jovem se ela já havia lido Balzac. A personagem diz que não, ao que o interlocutor responde ser isso uma sorte, pois ela poderia lê-lo pela primeira vez. Era essa a sorte, sem saber, que tinha. E desejei ser também um escritor. Manifestei esse desejo a meu amigo e ele – certamente influenciado pela famosa declaração de Balzac – me disse que, em verdade, o autor era um sociólogo. Foi a primeira vez que soube da existência da sociologia, mas desse modo, como se essa fosse um modo literário e não ainda uma “terceira arte”, como bem mais tarde aprendi com Wolf Leppenies.

Estaria certamente entre a literatura e a sociologia meu caminho formativo. De fato, se Bourdieu não estivesse certo. Ainda era mais forte do que minha aptidão a necessidade de seguir uma carreira que reproduzisse os valores de minha família e da classe em que me inseria. Sociologia ou literatura, naquele seio, estavam longe de

cumprir essa função e se, como era óbvio, na medicina não estava meu caminho, que ao menos ele estivesse em alguma profissão clássica. A articulação entre *habitus* e minha predileção pelas Humanas me levou ao Direito e foi para prestar vestibular a essa carreira que me mudei para São Paulo.

Em 1997 eu era calouro na PUC-SP. Não seria justo dizer que o curso me desagradou de todo. Em verdade, ao contrário, as matérias de teoria política e direito constitucional me interessavam bastante, mas nada além disso. Com o tempo, as aulas e os estudos foram se tornando cada vez mais enfadonhos, embora eu conseguisse cumpri-los sem grandes dificuldades, o que me deixava tempo suficiente para me dedicar às leituras que me agradavam e a escrever, especialmente poesia. Mas no fim daquele ano senti a necessidade de fazer um segundo curso. Tomei de um amigo, que prestava vestibular, o caderno de carreiras que a Fuvest oferecia e quando li sobre Letras-alemão decidi, mesmo sem qualquer preparo, me inscrever na prova, já que lia, naquele momento, Goethe e começava a me encantar com a literatura alemã. Nem mesmo contei para minha família que faria o vestibular, pois não via em minha decisão qualquer ruptura. Em verdade, continuava entendendo o Direito como a minha carreira e Letras me serviria como uma arefação, e nada mais.

Com certa surpresa, recebi a aprovação no Vestibular e em 1998 passei a cursar, ao lado de Direito, Letras na USP. Certamente, essa foi a primeira grande guinada para minha carreira acadêmica.

Letras

Segui o curso de Direito até o fim, e nele me formei, em 2001. Contudo, a Letras me dedicava de fato e foi ali que iniciei minha caminhada à carreira acadêmica. Com colegas, montei um grupo de discussão literária, que se reunia semanalmente para discutir nossos próprios textos – em geral poesias e conto –, textos de novos autores e de consagrados. Desse grupo surgiu a revista Nibelungo, de publicação online. A revista ficou longe de marcar época na Letras, mas marcou minha vida especialmente por ter sido nela onde publiquei meus primeiros textos, de alguma reflexão. Com foco em literatura e artes, lembro que ainda assim já ali me ocupava menos com a crítica

literária e mais com o componente sociológico da análise, embora eu ainda não tivesse clara a linha divisória entre os dois. Questões sobre nazismo e a obra de Thomas Mann, a multidão e Baudelaire, o elitismo da língua culta – temas de três textos que publiquei na revista – me interessavam mais do que a hermenêutica própria de obras literárias.

Esses textos e toda a revista se perderam nos bits da internet, mas o prazer da convivência acadêmica, da reflexão e da escrita ali nasceram. Dia após dia a ideia, ainda bastante incerta, de uma carreira na academia se formava em minha mente, enquanto o terno do advogado era colocado no armário. E foi em 2000 que tive a primeira oportunidade de realizar uma pesquisa em alguma profundidade. Havia me encantado, provavelmente no curso de literatura alemã, não lembro ao certo, com Arthur Schnitzler. Sua técnica literária me encantava tanto quanto a profundidade psicológica das personagens, cujos desajustes eram descritos como tão lógicos quanto a surpreendente coerência de suas vidas pomposas passadas em um mundo decadente, marcado pela derrocada do império austro-húngaro.

O encanto por Schnitzler me fez procurar uma professora, cuja dedicatória que a ela fiz em meu livro *Música brasileira...* revela a reverência que nutro até hoje: Claudia Sybille Dornbusch. Claudia fora, desde o início do curso, a professora com quem mais me identificava e para quem procurava sempre fazer meus melhores trabalhos. Dessa forma, eu a procurei para propor que ela me orientasse em uma pesquisa de iniciação científica. Não sei bem se eu tinha claro o que era uma iniciação científica, de que eram necessárias as definições de problemas, objetos, hipóteses, metodologia, etc. Creio que pensava na iniciação científica como uma oportunidade de me dedicar ao estudo de algo que me dava prazer – Schnitzler – e não tinha clareza sobre as obrigações que envolvia, e nem ao certo à que “iniciação” a I.C. se referia. Penso isso hoje, pois me lembro da aflição que me deu quando Claudia me perguntou o que eu queria estudar em Schnitzler, e talvez eu pensasse que estudar fosse um fim em si mesmo. Ainda que incerto, fui rápido na resposta e disse que queria estudar sua relação com Freud. Claudia, bastante sensível, deve ter percebido que eu apenas havia respondido o que era mais óbvio, sem qualquer convicção de que era isso mesmo que eu desejava fazer. Conversamos, então, por alguns minutos e dali veio a

ideia de outro tema, que me encantou: uma comparação entre o filme, que havia sido recém-lançado, de Stanley Kubrick, *Eyes Wide Shut*, e *Traumnovelle*, de Schnitzler, novela sobre a qual o filme fora baseado. No ato aceitei a proposta e Claudia me explicou sobre os procedimentos para que pudesse pedir uma bolsa para a FAPESP. Não me lembro de quantos esboços de projetos fiz, mas ainda hoje quando neles penso o que vem em mente são as incontáveis marcações em tinta vermelha que Claudia fazia, sempre tentando retirar do projeto a linguagem pretensamente poética e me dar o necessário método. Foi ali que comecei a entender a diferença entre a linguagem científica e a literária.

No fim de 2000 o projeto fora aprovado e logo no início do trabalho adotei um foco mais claro: não queria estudar a relação entre duas obras, mas a relação de duas linguagens com suas épocas. A questão passava a ser, então, a relação entre a linguagem literária com a modernidade e a linguagem cinematográfica com a contemporaneidade. Muito embora o texto final – “Linguagens cinematográfica e literária em *Traumnovelle*, de Arthur Schnitzler, e *Eyes Wide Shut*, de Stanley Kubrick” – se baseasse nas obras, ele era atravessado por reflexões históricas e, com alguma boa vontade, sociológicas.

Formava-me assim, recebendo as informações das mais diversas áreas, as absorvendo como podia, tentando articulá-las inocentemente, como me cabia. E nisso também colaborava a oportunidade que tinha, em Letras, de fazer outros cursos. Fui aluno no Museu de Arte Contemporânea, onde visitava seu acervo semanalmente e lia, pela primeira vez, autores como Merleau-Ponty. Na filosofia, fiz aulas sobre filosofia alemã e tomei conhecimento com os escritos de Kant, Schelling e Hegel. Mas, mais importante, tive aula nas ciências sociais. Ali fiz o curso da Profa. Irene Cardoso, sobre Walter Benjamin. Qualquer aluno de Letras-Alemão, evidentemente, tem contato com Walter Benjamin, especialmente se esse aluno, como fora meu caso, tiver estudado com o Prof. Willie Bolle. Dessa forma, o autor não era novidade, mas sim a abordagem. A entrega que a professora tinha aos textos e as análises que ela provocava ao relacioná-los sempre à realidade social me impactaram. Percebi um autor que saía dos textos, que se relacionava com a Escola de Frankfurt, que debatia com Adorno e com o establishment universitário, que fugia do nazismo, que pensava suas ideias

encarnadas no mundo que o rodeava, que via a história como constelação e não progressão, que criticava o capital em sua destruição, mas também via em sua construção possibilidades de futuro. Arrisco-me a dizer que todo intelectual de minha geração – talvez da geração anterior também – em algum momento se encantou por Benjamin; eu não fui diferente.

Mas se lia Benjamin com prazer, escrever sobre ele era algo diferente. No meio do semestre, Irene pediu uma resenha sobre algum texto, que não me lembro. Eu a fiz. Irene entregou os trabalhos na aula seguinte, para cada aluno. Quando chegou minha vez, me chamou, me apresentou uma nota baixíssima e foi bem clara: minha linguagem não servia para a sociologia. Alertou-me que eu confundia a forma do texto analisado com minha própria estética, e procedia na análise tal fora essa apenas uma tentativa de escrever como o autor do meu objeto. Ainda estava longe da crítica de Weber sobre o subjetivismo e a empatia do historicismo alemão, pela qual afirmava não se precisar ser Cesar para falar de Cesar. Eu cria, em verdade, precisar ser Benjamin para escrever sobre ele e não entendia a posição objetiva que devia assumir no momento da minha escrita.

Assim, não sei em qual grau entendi a crítica de Irene, mas alguma compreensão imediata devo ter tido, pois meu trabalho final do curso fora bem avaliado. Contudo, minha memória do fato – entre tantos esquecimentos – me mostra como a questão da construção da linguagem analítica atravessou esse meu período de formação. Letras, e tudo o que me proporcionou, fora fundamental na minha busca por essa compreensão. O relatório da FAPESP em relação a minha I.C., bastante positivo, me aponta que já ali, empiricamente, eu começava a diferenciar entre as duas linguagens que carregava: a do escritor e a do analista. E mais importante, as duas me encantavam. O mesmo relatório, ao julgar meu trabalho como passível do nível de um mestrado, me apontava que havia um caminho a seguir.

Interregno

No fim de 2001 eu terminava a Faculdade de Direito, sem interesse, mas com satisfação por ter um título universitário. Contudo, ainda faltava um semestre para

terminar Letras. E aqui é importante recolocar minha família na história. Desde cedo, pude viajar com mais pais, que sempre faziam questão de me levar para todos os lugares que iam. Como médico, de reconhecimento, meu pai viajava por congressos de cardiologia, e ainda tinha condições econômicas de nos proporcionar férias, invariavelmente no exterior. Por isso, ainda antes dos dezoito anos eu já havia visitado países da Europa, Estados Unidos, alguns países da América do Sul e mesmo da Ásia. Mas, mais importante, ali minha família já havia me passado a ideia, romântica, da viagem como um valor na construção (na Letras aprendi, sem dificuldades, o conceito de *Bildung*) do indivíduo.

Dessa forma, desde o momento em que iniciei a graduação tinha o plano de passar um período no exterior. Isso deveria ocorrer após eu terminar Letras. Contudo, no fim de 2001, já graduado em Direito, Letras entrou em greve. Eu já havia vivenciado outros momentos de greve e sabia que eles podiam se estender. Minha bolsa de iniciação científica havia terminado no fim de 2001 e temia que a greve me deixasse todo o primeiro semestre de 2002 praticamente inativo, pois não tinha qualquer desejo de trabalhar com Direito, algo que já havia feito, como estagiário, por um curto período. Ademais, compartilhava esse plano com minha namorada na época, que também havia se formado no ano anterior e tampouco desejava permanecer o primeiro semestre de 2002 no Brasil. Esses fatores e a posse de um diploma universitário me estimulavam a colocar a viagem em primeiro lugar e deixar a finalização de Letras para minha volta.

Em abril de 2002 segui para a Inglaterra, com o intuito tão somente de viver fora do país e melhorar meu inglês. Estudar em alguma universidade era um desejo, mas subsidiário. Sem fonte de renda, minha namorada e eu alugamos um quarto na casa de uma família mexicana – casa que dividíamos com outras sete pessoas – e nos pusemos a procurar emprego. Nunca chegamos a nos estabilizar de fato na Inglaterra – tivemos que mudar de casa quatro vezes, eu de emprego duas vezes – mas em alguns meses eu já tinha condição de pensar em fazer um curso na universidade. Trabalhava na época em uma livraria, emprego que perdi quando essa foi à falência, o que me obrigou a me dividir entre dois empregos: em uma loja de departamentos, onde vendia talheres de prata, vestindo terno e gravata, e em uma lanchonete (Burger King), onde era o caixa de bonê e sorrisos. Em setembro, então, comecei a cursar dois cursos

na Birkbeck, da Universidade de Londres: um que tratava de organizações governamentais internacionais e outro de políticas culturais. Não havia, em verdade, um critério claro sobre que cursos fazer, mas um interesse sobre política internacional e sobre cultura me fez escolher esses, que, especialmente, eram os únicos que eu podia pagar (me lembro de pagar algo em torno de 70 libras pelo semestre).

A alta carga de trabalho que tinha – especialmente após o fechamento da livraria –, que chegava a 60 horas por semana, não me permitia a atenção devida aos cursos e logo abandonei aquele sobre as organizações. Mas continuei assistindo ao curso sobre políticas culturais e nele desenvolvi minha primeira pesquisa que envolvia algum trabalho de campo: pesquisei as políticas culturais do *Borough* de Hammersmith, em Londres, o que me levou a fazer uma série de entrevistas e visitar alguns equipamentos culturais. Embora eu estivesse distante de qualquer exigência metodológica, me vi, pela primeira vez, em campo, o que me deu grande satisfação. Contudo, com o aumento da carga de trabalho no primeiro semestre de 2003, comecei a faltar às aulas, até abandonar de vez o curso em seguida.

De qualquer forma, a pesquisa, além de me despertar o interesse pelo trabalho de campo (o que não fazia ideia do que era, mas me sentia fazendo) me fez olhar rapidamente sobre as políticas culturais no Brasil, como forma de comparação. Pela internet, então, encontrei uma revista online – Cultura e Mercado – que debatia essas questões. Entrei em contato com o editor para conseguir algum material sobre o assunto e no contato expliquei o que eu andava fazendo em Londres. Não me lembro se recebi qualquer material, mas sim um convite para publicar uma coluna nessa revista sobre o tema em Londres. Publiquei três, talvez quatro, textos na revista, quando, então, em março, avisei que deixaria Londres para voltar ao Brasil, pois em abril faria um ano que estava fora e a passagem de volta venceria. A perspectiva de ficar mais tempo na Inglaterra não estava nem em meus planos, nem nos de minha namorada. Ao avisar de minha volta, o editor da revista me disse para procurá-lo assim que chegasse, pois ele me tinha uma proposta de emprego.

Aceitei a oferta, assim que cheguei. Tratava-se de assumir a direção executiva do Instituto Pensarte - IP, responsável também pela revista Cultura e Mercado. Nesse Instituto, que se dedicava à publicação, articulação e debates sobre políticas de cultura,

travei conhecimento com a temática da diversidade cultural. O IP fazia parte de uma rede internacional sobre o tema – International Network for Cultural Diversity (INCD) – e tive a oportunidade de participar de algumas discussões sobre tema e mesmo de escrever alguns memorandos. Desse meu envolvimento surgiu o convite de participar da tradução do livro *Arts under Pressure*, de Joost Smiers, ativista político vinculado ao INCD, cuja versão brasileira foi publicada em 2006. Também nesse momento publiquei meu primeiro texto sobre o tema, sendo esse o capítulo “Diversidade Cultural e o sistema ONU”, presente no livro *Diversidade Cultural: globalização e culturas locais: dimensões, efeitos e perspectivas*, publicado em 2005. Ainda, nesse período no IP pude participar da coordenação editorial da coleção Visões da Cultura, feita pelo instituto em parceria com a editora Escrituras, e que resultou em três livros: *Cultura Neoliberal*, de Cristiane Olivieri, a segunda edição de *Mercado Cultural*, de Leonardo Brant, e a segunda edição de *Projetos Culturais*, de Maria Eugênia Malagoldi e Fábio Cesnik. Dato, então, de minha atividade no IP, que se estendeu entre 2003 e 2006, meus primeiros contatos com a área editorial e minhas primeiras reflexões – pouco metódicas e muito mais políticas – sobre a temática da diversidade cultural, que bem mais tarde voltaria às minhas preocupações, mas já na atuação acadêmica.

Concomitante ao Instituto Pensarte, recebi o convite para me tornar diretor executivo de outra organização não-governamental: BM&A – Brasil Música e Artes. Essa instituição tinha por objeto a difusão da música brasileira no exterior, com foco no trabalho de artistas independentes, comumente alijados pelas grandes gravadoras, recebendo, para tanto, recursos da agência do governo federal APEX-Brasil. O trabalho me interessava, pois me via de fato beneficiando artistas que precisavam do apoio que a BM&A lhes concedia, além de ter a possibilidade de viajar para diversos locais, no Brasil e no exterior. Entendo que aquilo que vim a estudar a partir de minha entrada no mestrado traz muito dessas experiências que tive nas instituições: se do IP eu trouxe a temática da diversidade, da BM&A trouxe o interesse pelo objeto da música no mercado global.

Mas o trabalho que me dava a administração dessas duas instituições me retirava cada vez mais o tempo que gostaria de dedicar aos estudos. Letras fora imediatamente sacrificada. Como voltara ao Brasil no meio do primeiro semestre de

2003, pensei em retornar a Letras no segundo semestre daquele ano. Contudo, percebi que não teria o tempo necessário para as aulas e adiei o retorno para o semestre seguinte. Em 2004, consegui ordenar de certa maneira meu cotidiano e finalmente me rematriculei em Letras. Contudo, não fora como esperava. Em primeiro lugar, percebi que não conseguiria me formar no primeiro semestre, pois uma das matérias obrigatórias – Toponímia – só seria dada no segundo semestre, se não me engano por motivos de doença da única professora responsável pelo curso. Ainda, me foram permitidos cursar menos créditos do que eu desejava naquele semestre, sob o argumento de que não havia vagas suficientes. Ainda assim, me matriculei em três matérias, na esperança de completar no semestre seguinte os créditos necessários para minha graduação. Mais um aborrecimento: um professor alemão, em cuja matéria eu me inscrevera, teve de voltar para a Alemanha e o curso foi cancelado. Restaram-me, então, duas matérias a cursar naquele semestre, sendo que eu não tinha interesse por nenhuma das duas. Impossibilitado de me formar naquele semestre e desmotivado por cursar essas duas matérias, decidi por trancá-las e aguardar o semestre seguinte. No segundo semestre de 2004, então, busquei novamente me matricular na Letras, mas, novamente, percebi que não me seria permitido cursar os créditos necessários para me formar, além de, novamente, eu ter de cursar matérias cujas temáticas eu tinha pouco interesse. Já com um diploma universitário (de Direito), com bastante trabalho nas instituições e com as dificuldades que Letras me apresentava para que me formasse, deixei nos semestres seguintes de tentar me matricular. Não podia admitir para mim que estava deixando Letras e esperei o dia em que me informaram eu ter sido jubilado da universidade. Embora compreenda as dificuldades que tive, me arrependo de não ter insistido e me entristeço cada vez que preciso colocar em meu currículo “Letras-Alemão (interrompido)”. Apenas me reconforto ao me orgulhar mais de ter sido um aluno de Letras do que um bacharel em Direito.

Mestrado

Envolvidos na carreira acadêmica, talvez não percebamos que essa noção é vaga para quem está na graduação. Entendo que os alunos, e esse era o meu caso,

não compreendem a sistemática da carreira. Entendíamos, em Letras, o que fazia um professor de alemão, em escolas particulares, de português ou redação, no ensino médio. Admirávamos nossos professores universitários, mas não sabíamos muito bem o seu trabalho fora da sala de aula e se desejávamos ser como eles, não entendíamos muito bem o que era isso.

A noção mais clara do que é a carreira acadêmica me foi sendo formada pela proximidade que tinha com a Claudia e por meu pai, a partir de 2003, ter ido para a USP. Em verdade, antes disso meu pai – sócio de uma clínica privada de cardiologia em São José do Rio Preto – era ligado à universidade de medicina da cidade e mesmo já havia feito seu doutorado (Unicamp) e sua livre-docência (USP-Ribeirão). Contudo, até aquele momento para mim havia a ideia de que carreira era aquilo que ele fazia na clínica e estudo o que fazia na universidade. Em outras palavras, não via a universidade exatamente como um espaço no qual uma carreira se desenvolve. Foi apenas com a vinda dele para a USP que, para mim – e acho que mesmo para ele –, a vida acadêmica se tornou uma imagem em que uma profissão poderia ser realizada.

E foi no momento de amadurecimento dessa imagem que pensei em retornar para a vida acadêmica, mas agora no mestrado. Em verdade, meu envolvimento especialmente com o Instituto Pensarte me frustrava ao extremo. Notava ali temas interessantes sobre o mundo atual, mas tratados de maneira rasa, utilizando autores, tão presentes hoje em meu trabalho, sem qualquer cuidado. Irônico foi eu ter encontrado pela primeira vez uma citação do Renato Ortiz em um texto sobre política cultural. Não me lembro ao certo de que se tratava o texto, nem mesmo qual era a citação, mas me lembro de que, embora ela fosse tratada como fundamental, algo estava desencaixado. O que estava na citação de Renato contradizia o que o autor do texto falava, mas esse insistia que as opiniões eram convergentes. E isso que ocorria em relação a Renato, ocorria com outros autores, e me cansei de ver citações de Bourdieu, Benjamin e Marx, completamente descontextualizadas, ilustrando ideias que, na verdade, não tinham qualquer concordância com seus pensamentos.

Esse incômodo me afetava ainda mais pela percepção de que eu contribuía para esse tipo de discurso. Se estava afastado da universidade, ainda assim me sentia parte dela e me incomodava as ordens que recebia, pelas quais eu devia ilustrar textos que

seriam enviados ao Ministério da Cultura ou Unesco, com uma frase de Lévi-Strauss, por exemplo, seja lá qual ela fosse. Percebia que não seria naquele meio, tão interessado, tão vinculado a desejos particulares, que eu poderia desenvolver pesquisas que me movessem. A citação do Renato foi um elemento desse meu desajuste, mas bastante produtivo, pois me levou, pela primeira vez, a ler um livro seu: *Um Outro Território*. Ali me fora apresentado um outro modo de pensamento, sobre temas que já me interessavam. A questão da globalização ganhava um contorno denso e a cultura se tornava dinâmica. Foi ali que passei a querer ser não apenas um impressionista da globalização, mas uma pessoa que pudesse entendê-la de forma mais sistemática.

Renato não era desconhecido por mim. Em verdade, conhecia sua filha, Joana, que esteve em Londres mais ou menos no mesmo período em que estive. Eu havia decidido que faria o mestrado e havia decidido que seria em sociologia, pois me interessava o tema da globalização e por notar que tudo o que eu havia escrito e pensado, até então, de alguma forma se relacionava à área. Em meados de 2005 procurei Joana e lhe pedi o e-mail de Renato. Iria a ele manifestar meu desejo de fazer mestrado.

Renato me respondeu o e-mail e me pediu para lhe mandar o projeto, que ele leria (nunca lhe perguntei, talvez ele nem se lembre, mas deve ter havido um pedido da Joana para essa atenção). Ocorre que eu não tinha projeto – de novo, eu tinha pouca noção dos processos acadêmicos. Pus-me, então, a pensar em algum. Surpreendentemente, ele não versava sobre globalização ou sobre qualquer coisa com o que trabalhava ou sobre o que pensava. O projeto que lhe apresentei foi estudar música caipira e *sertaneza*, com foco em Elomar. Não havia nada sobre modernidade, tradição, globalização, diversidade, etc. Tampouco tinha o próprio Renato, mas Antonio Candido (havia acabado de ler *Parceiros do Rio Bonito*) e um pouco de Marx e Weber, autores que já havia lido até com bastante atenção, mas que utilizava sem qualquer competência. Hoje penso que assim fiz justamente porque queria criar um espaço autônomo, protegido da minha vida profissional e, por isso, busquei, ao mesmo tempo, um objeto que me agradava e com o qual eu não tinha nenhuma relação direta.

Entreguei o projeto a Renato que me chamou para conversar. O texto estava todo anotado e Renato já me deixava claro que eu estava longe de ter qualquer coisa apresentável, embora, dizia ele, eu escrevesse bem. Não só o objeto estava descontextualizado, como também eu usara os autores sem qualquer requinte. Ao terminar de mostrar as falhas, Renato perguntou o porquê, afinal, eu havia escolhido aquele tema para estudar. Respondi-lhe que assim o fiz por gostar daquela música. Recebi dele algo que me fez entender que sociologia não tem apenas uma linguagem própria, mas um modo de olhar o mundo. Disse-me que em Letras, em geral, se estudam autores com os quais o pesquisador tem afinidade. Gosta-se de Balzac, estuda-se Balzac. Em sociologia, estudam-se objetos que nos incomodam (ou, mais literalmente como Renato diz, “temas relevantes”): nós não precisamos gostar deles, mas pesquisa-los se eles fazem sentido. Entendia a diferença entre gosto e sentido.

Lamentando, já ia tomando minhas coisas para ir embora, quando Renato me perguntou o que eu fazia. Falei especificamente da BM&A, que eu trabalhava para a difusão da música brasileira no exterior, que circulava nas feiras internacionais, etc. De imediato ele falou que ali eu podia ter um tema interessante. Disse que não queria tratar daquilo, pois desejava me afastar de meu trabalho e não me confundir com ele. Renato não comentou, mas afirmou que, de qualquer modo, ali eu podia ter um tema.

O interesse demonstrado por Renato me botou a estudar com mais afinco a temática da globalização. Li seus textos, mas também alguns de Giddens, Canclini, Ianni, Beck, Featherstone e até mesmo de Huntington. Também me voltei para bibliografia historiográfica da música brasileira, lendo especialmente Tinhorão. Essas leituras não tinham muita ordem e eram atravessadas por outras – li pela primeira vez Bourdieu neste período –, pois o que desejava era me situar em uma temática para a qual eu não tinha objeto. Finalmente, pude desenhar um projeto no qual me ocupava da questão do nacional na globalização. Entendia, então, ser a música – exatamente por ter sido historicamente relacionada à identidade nacional brasileira e ser um bem que circula sem fronteiras na globalização – um ótimo objeto de estudo. Fiz o projeto com o qual me inscrevi na seleção do mestrado da Unicamp, sem voltar a conversar com Renato. Após a notícia de minha aprovação, imediatamente lhe enviei um e-mail,

disse o tema que queria estudar e perguntei se aceitava me orientar, o que prontamente aceitou.

Do mestrado vieram meus primeiros textos acadêmicos. O primeiro se chamou “O Remix e o Haxixe: cultura popular e autenticidade na globalização”, publicado pela revista Estudos de Sociologia, da Unesp. Ali foi a primeira vez que me ocupei da questão da autenticidade e já notava como ela devia ser tratada como uma construção atravessada por forças que circulam no espaço global. Em seguida, publiquei um texto sobre a relação entre música e internet, “Quanto custa o gratuito?”, na revista ArtCultura que, contudo, saiu antes daquele da Estudos de Sociologia. Nesse texto busquei desfazer a ideia da internet como espaço de democratização do acesso cultural, embora também reconhecesse que ela representa uma mudança na forma como a indústria cultural se organiza na contemporaneidade.

Esses dois textos trouxeram questões que apareceram em minha dissertação e, em verdade, me serviram para amadurecer as ideias e a escrita. Parece-me que ali eu já sentia ter adquirido uma mente e uma linguagem suficientemente sociológicas. Mas destaco para isso também a primeira matéria que fiz no mestrado, com a professora Élide Rugai, sobre teoria sociológica, quando tive contato com uma série de autores e com a tradição da área.

Também fora importante desse período do mestrado – pois definidor de meu doutorado – a palestra que proferi no departamento de sociologia da música, do Instituto de Ciência da Música da Humboldt-Universität. Eu praticamente já havia acabado a escrita do mestrado, quando em agosto de 2007 decidi passar três meses em Berlim, estudando alemão e lapidando o texto. Ter um amigo em cuja casa eu podia ficar fez com que a bolsa que recebia me permitisse o luxo. Descobri, assim que lá cheguei, aquele departamento e desde então saía das aulas de alemão e passava minhas tardes em sua biblioteca. Essa fica em uma charmosa casa, que ocupa o lugar onde um dia morou Hegel, em frente ao Pergamon Museum, próximo à ilha dos museus. E já que estava lá, tive a vontade de conhecer as linhas de pesquisa do departamento e trocar algum tipo de informação. De nome, conhecia apenas Peter Wicke, cujo livro *Von Mozart zu Madonna* havia lido pouco tempo antes. Mas soube na secretaria do instituto que a cadeira de sociologia da música era ocupada por Christian

Kaden. Dessa forma, procurava por Wicke e Kaden, mas nesse período de férias quase nenhum professor se podia encontrar. Certo dia, contudo, vi afixado na secretaria um aviso de que a assistente de Kaden receberia na semana seguinte seus orientandos para conversar sobre os trabalhos. No dia e na hora marcados me postei em frente à sala da professora Jutta Toelle. Depois de todos os alunos terem, um a um, conversado com ela, sobrava apenas eu. Ela veio à porta e perguntou o que eu desejava, estranhando a presença de um desconhecido ali. Disse então que era um estudante brasileiro e que queria apresentar a ela a pesquisa que desenvolvi e saber as linhas de pesquisa do departamento.

Jutta me deixou entrar e nos pusemos a conversar em inglês, pois meu alemão não dava para tanto. Ela me contou do departamento e percebi que as linhas de pesquisa eram baseadas em um olhar muito mais antropológico do que sociológico. Mas, de certo, fora esse olhar que fez com que ela se interessasse por uma pesquisa sobre música brasileira e dissesse que eu devia conversar com Kaden, pois ele também gostaria de conhecer o que fazia. No mesmo dia lhe enviei um e-mail, que me chamou para uma conversa, a ocorrer alguns dias depois. Essa conversa, que devia durar quinze minutos alemães, se estendeu por quase uma hora. Ao fim dela, depois de termos conversado sobre vários temas e autores, Kaden me perguntou se eu tinha interesse em fazer o doutorado lá. Certamente essa era uma ideia em minha cabeça, mas nunca expressa; talvez nem para mim. Disse que achava interessante, mas que eu não queria deixar a Unicamp e a orientação do Renato. Propus, então, que pensássemos em um doutorado sanduíche. Ele gostou, mas achou que devíamos nos conhecer melhor e me lançou um convite. Disse que na primeira aula de seu seminário, em cada semestre, ele convida alguém para dar uma palestra. Para aquele semestre, que começaria em outubro, ele me convidava para ser esse palestrante. Eu teria duas horas para apresentar minha pesquisa de mestrado. Aceitei o convite, condicionando que eu o fizesse em inglês, não em alemão. Kaden aceitou. Fiz a palestra (“Identity Discourses Around Brazilian Popular Music in the Global Space”) e, ao final, ele confirmou seu interesse em que eu passasse um período do doutorado em seu departamento, tendo ele como orientador. Agradei, disse que ainda defenderia o

mestrado e prestaria o doutorado na Unicamp (prova prestada, se não me engano, em novembro de 2007) e, então, voltaríamos a nos falar.

E, em dezembro de 2007 (um ano e nove meses após o início), defendi o mestrado para uma banca formada por Marcelo Ridenti, José Roberto Zan e Renato. No mesmo dia, recebia o resultado da seleção de doutorado, em que eu havia passado em primeiro lugar. Saí da sala de defesa de tese como mestre, mas cheguei à secretaria do departamento como doutorando.

Doutorado

Foi no período do doutorado, mas com gestação anterior, que publiquei meus primeiros dois livros. O primeiro, na verdade, vinha de muito antes, desde o momento em que conheci Fernando Lara, na Letras. Trata-se do livro *Concerto para Duas Vozes*, de autoria minha e de Fernando, publicado pela Dix editorial em 2008, no qual reunimos poemas (de Fernando e meus), haicais (de Fernando) e um conto (meu). O segundo, *Música Brasileira e Identidade Nacional na Mundialização*, é o resultado direto de meu mestrado, e foi publicado pela Annablume, com apoio da FAPESP, em 2009. A publicação desses dois livros me mostrava que se resolvia, enfim, o conflito que marcou minha passagem da Letras para a Sociologia: embora ambas fossem presentes, as linguagens literária e sociológica estavam separadas em minha escrita. Cada uma pôde habitar um livro.

E em 2009 eu estava no doutorado na Unicamp, mais uma vez sob a orientação do Renato. Também escolhi trabalhar a música como objeto, mas agora para olhar à World Music. O que me atraía ao objeto era haver nele uma paradoxo que seria o fato de ser um gênero, cujo valor se baseia na afirmação de particularidades identitárias, mas que ao mesmo tempo traz em si a própria expressão mundo, que devia apontar para a universalidade. Ou seja, achava que a World Music me possibilitaria compreender a relação entre universal e particular, aquilo que, entendia, atravessava a questão da diversidade. Sem dúvida foi essa dicotomia presente naquilo que chamei de discurso da diversidade que se tornou o fio condutor de meu doutorado.

Logo que iniciei o doutorado já planejei minha ida para a Alemanha, atendendo ao convite de Kaden. Informei-me sobre o DAAD e seu convênio com CAPES e CNPq e no tempo correspondente enviei os documentos necessários para que eu pudesse participar do processo de seleção. Minha aprovação me foi informada ainda no primeiro semestre de 2008, sendo que havia a indicação para que antes fosse para Leipzig, onde eu permaneceria quatro meses estudando a língua alemã. De fato, meu conhecimento do idioma não era suficiente para que eu cursasse um doutorado na Alemanha, pois desde que havia trancado Letras, em 2001, eu estudava a língua apenas esparsamente, como naqueles meses de 2007.

Sabendo, então, que no fim de 2008 eu já deveria estar na Alemanha, aproveitei aquele ano para ler uma bibliografia que não falava diretamente a meu objeto. Em verdade, música sempre fora para mim um pretexto que me permitia enxergar questões que realmente me interessavam (articulações identitárias, o discurso da diversidade, etc.) e se eu as estivesse enxergando corretamente, poderia vê-las também em outros objetos. Dessa forma, naquele ano deixei música de lado e dividi meus estudos em teoria sociológica e em história, filosofia e crítica de arte. Decidi por me dedicar à teoria para buscar compensar minha falta de formação básica na área, falta essa que sinto que nunca vou suprir, mas cuja busca também não deixo cessar. Tive ali a oportunidade de ler sistematicamente Foucault, por exemplo, algo que nunca havia feito. Em relação à arte, justamente eu queria me aproximar desse objeto, como havia me aproximado da música. Li nessa época Danto e Belting, assim como Greenberg e David Sylvester. Passei longe, muito longe de me tornar um conhecedor do assunto, mas me achei em condições de refletir sobre o objeto a partir daquilo que vinha pensando sobre a relação do universal e do particular na contemporaneidade. O artigo “Sobre a noção de “mundo” nos discursos culturais contemporâneos: relações entre universal e diversidade”, publicado na revista portuguesa *Análise Social*, é consequência desse momento. Foi justamente nesse artigo em que tomei a diversidade e sua relação com o universal como tema, mas creio que sob uma perspectiva equivocada. Pensava ali haver um condicionamento da diversidade a partir do universal, não compreendendo, em verdade, suas articulações, nem mesmo o fato de que própria diversidade se torna um discurso universal, algo que só fui capaz de fazer

nos textos que se seguiram e, mais propriamente, em minha tese de doutorado. De qualquer modo, nesse artigo me senti seguro sobre meu tema e sobre os debates que deveriam estar presentes nele. Em dezembro de 2008, fui para Alemanha com essa clareza.

Daquele momento até o fim de março permaneci em Leipzig, com o intuito principal de aprimorar o alemão e atingir nível suficiente para seguir à universidade berlinense. Recebia do DAAD o alojamento, uma ajuda de custos e o curso do Interdaf no Instituto Herder da Universidade de Leipzig. O curso era intensivo, algo em torno de cinco horas diárias, sendo um preparatório para a prova DSH, que certificaria minha proficiência. Contudo, restava tempo de continuar reconhecendo uma bibliografia que tangenciava meu objeto, mas que me permitia o ver com mais complexidade. Aproveitei-me da belíssima Biblioteca Albertina, de Leipzig, para me dedicar a estudar o romantismo alemão, referência constante à afirmação pós-moderna sobre os particulares e a valorização da diferença. Desses estudos resultou um artigo que, contudo, nunca fora publicado e alguns momentos da minha tese. Mas, mais importante, restou um princípio de conceito sobre a diferença na modernidade e o exotismo, o que depois eu pude relacionar com a diversidade e a contemporaneidade.

No final de março prestei o teste DSH, cuja avaliação seria, em ordem crescente, não aprovado, aprovado em nível 1, 2, 3. Aqueles que, como eu e vários colegas, seguiriam dali para a universidade, precisavam da aprovação, mas melhor seria no nível mais alto. De minha classe, três a atingimos; os três, brasileiros.

De abril de 2009 a março de 2010 permaneci em Berlim. Não era obrigado, mas fazia os cursos que me interessavam à pesquisa. No instituto de Ciência da Música, fiz o curso de Peter Wicke sobre indústria da música; os seminários de Kaden e suas aulas de sociologia da música; e o curso de Jin-Ah Kim sobre eurocentrismo. No instituto de filosofia, frequentei o curso do professor Oswald Schwemmer, sobre pós-modernismo e desconstrutivismo. Em verdade, eu vinha me dedicando, moderadamente, à filosofia pós-estruturalista, e já me atentava ao conceito de *differance* de Derrida. O curso, de qualquer modo, me garantiu maior segurança nos usos dos termos e me permitiu abranger uma gama maior de autores.

Mas entendo que a maior contribuição desses cursos – especialmente os de Kaden e de Jin-Ah Kim – para meu trabalho de doutorado foi o conhecimento que me deu sobre a etnomusicologia. Percebia que ali se encontrava a mesma temática sobre a questão do particular e do universal, que eu buscava perceber na World Music. Mais: aprendi que o próprio termo World Music nasce nessa área acadêmica, e só depois passa a ser utilizado pelo mercado. As aulas de Kaden, Jin-Ah Kim e os seminários de seus alunos, que embora cursassem sociologia da música se voltavam todos para a antropologia, me mostravam isso com clareza. É desse momento que decidi que o objeto World Music, do qual tratava, deveria ser visto tanto no mercado quanto na etnomusicologia, algo que fiz em minha tese.

Mas não foi apenas pelos cursos na universidade que minha estada em Berlim contribuiu para meu trabalho. Em verdade, o acesso às bibliotecas da cidade talvez tenha sido mais fundamental. Pude utilizar três bibliotecas no ano em que estive lá: a Staatsbibliothek, que se divide em dois belíssimos prédios – em Potsdamer Platz e na Unter den Linden –, consequência do período em que a cidade fora dividida; a biblioteca do Instituto de Música, da Humboldt-Universität; e a biblioteca central da universidade, cuja casa nova só fora inaugurada no fim de outubro de 2009. Nesses espaços tive acesso a praticamente toda a bibliografia sobre etnomusicologia, que depois usei em minha tese. Também foi percorrendo suas estantes que pude fazer uma extensa revisão bibliográfica sobre multiculturalismo, autenticidade, hibridismo, além dos escritos pós-coloniais e mesmo sobre a temática da diversidade. Ainda, nessas bibliotecas pude conhecer questões relativas à história da música e, em especial, à formação dessa como arte autônoma, no século XIX. Foi no setor de música da Staatsbibliothek da Unter den Linden que tive contato com dicionários e enciclopédias de música que datavam desde o século XVIII. Fiz uma série de estudos com esse material, sendo que dois acabaram por se destacar em minha tese. No primeiro, tomei o verbete música e observei como sua definição se modificava pelos anos, em um período que se estendeu por quase três séculos. No segundo, estudei as enciclopédias voltadas para World Music – todas contemporâneas – e notei como se distribuem as vozes que falam de música em relação à marcação de nacionalidade dos autores que nos textos aparecem. Desses estudos, publiquei dois artigos, ambos em

2010: “The discourse of diversity in the ethnomusicological description of the world: the redefinition of the particular and the universal”, publicado na revista sul coreana *Musica Humana*; e “The conditions of global discourse of diversity: Music Encyclopedias, Dictionaries and Ethnomusicology”, publicado pela tradicional *Revista Brasileira de Música*, hoje da UFRJ. Em ambos os textos, aponte que ao mesmo tempo em que música perde sua condição de conceito amplo e, assim, se pluraliza e passa a ser definida a partir de noções também particulares, autores de todo o mundo são chamados para falar sobre o tema, quebrando a exclusividade europeia do século XIX. Contudo, chamo a atenção de que, embora as vozes se espalhem, elas são condicionadas e os autores que saem da tradição europeia têm suas vozes determinadas à descrição de seus próprios lugares. Em outras palavras, notava que enquanto os europeus e os norte-americanos podiam falar sobre o mundo, os autores de outros lugares se condicionavam a seus próprios territórios. Ainda, foi nesses artigos que tratei, de forma mais consistente, a diversidade como discurso, tratamento esse que, contudo, apenas fora conceituado em minha tese.

O período em Berlim também me permitiu travar conhecimento com a IASPM – International Association for the Study of Popular Music. Muito embora seja uma associação com vários membros, bastante ativos, do Brasil, só fui conhecê-la no Congresso de sociologia da música, em Lisboa, onde apresentei o trabalho “The Perception of the Idea of the World in the Music Industry”, em 2009, a convite dos organizadores alemães do evento. Na volta ao Brasil, tornei-me membro da associação, bem pouco ativo, é verdade, e participei de dois de seus eventos, com comunicações: um na Finlândia (2010) e outro na África do Sul (2011).

Voltei ao Brasil, então, em 2010 e propus a primeira estrutura da tese, apresentada ao Renato. Passei, então, a trabalhar sobre os buracos que havia nela. Estudei um pouco mais sobre a história da música – me lembro de ser nesse momento que li os escritos de Rousseau sobre o tema –, mas especialmente me dediquei às publicações sobre o mercado de música atual e, especialmente, sobre a internet. Essa bibliografia passou a se relacionar com as pesquisas de campo que fiz no período em que estive na Alemanha. Naquele momento, tive oportunidade de visitar uma série de feiras de música, onde recolhi material, e fiz várias entrevistas com profissionais da

área. Contudo, ainda precisava de mais informações e debates teóricos, o que fui adquirir em meu retorno. Desse momento data meu artigo “*Monetizing: o novo caráter do valor da música*”, publicado na revista Teoria & Pesquisa, da UFSCAR, em que eu dava continuidade a algumas reflexões que já havia publicado anteriormente. Nesse artigo, eu pude articular de maneira um tanto mais sistemática uma tensão que me parece típica da contemporaneidade, que é a articulação necessária, e não contraditória, entre relações fragmentadas de poder e a possibilidade de controle. Parece-me que a internet revela justamente esse caráter de fragmentação e controle, sendo que, dessa maneira, ela pode ser pensada como uma espécie de metonímia da sociedade. É com essa visão que escrevi aquele artigo e outro, que ainda está no prelo, a ser publicado pela Música Popular em Revista, da Unicamp, intitulado “Música na Internet: descentralização e controle”. Também essa visão integrou meu doutorado e, em verdade, se tornou o modo pelo qual passei a olhar o discurso da diversidade.

O ano de 2010 ainda me serviu para sistematizar todo o material que havia recolhido em minhas pesquisas empíricas – catálogos, discos, folders, além de entrevistas – e bibliográficas. Mas não é só: foi nesse ano que tive a chance de, pela primeira vez, ter uma classe de aula.

Com essa trajetória que aqui narrei, voltei da Alemanha totalmente ciente de minha paixão pela carreira acadêmica. Contudo, até ali ela se resumia à pesquisa. Eu havia dado algumas aulas isoladas, o que sempre me dera prazer, mas nunca havia realmente assumido uma turma. Sentia-me, assim, incompleto, um acadêmico manco, que se mantinha apenas sobre a perna da pesquisa. Precisava me saber, também, um professor. Assim, no meio do primeiro semestre de 2010 liguei para o departamento de sociologia do IFCH-Unicamp perguntando se havia algum programa no qual eu pudesse dar aula. Em verdade, eu não conhecia o Programa de Estágio Docente. Apenas sabia de meu desejo e de minha disposição, o que informei para o departamento. Pouco tempo depois recebia a notícia que havia a possibilidade de eu fazer parte daquele estágio e que eu poderia dar um curso de Sociologia da Cultura. Montei o programa, contando com o auxílio sempre generoso de Marcelo Ridenti e Renato Ortiz, e o entreguei ao departamento. Renato se tornou meu supervisor,

confiando, contudo, o curso totalmente a mim, já que no segundo semestre de 2010 ele estaria ausente, em licença prêmio.

O curso foi dado para a classe de graduação em Ciências Sociais, tendo uma carga horária total de 60 horas. Ao fim de cada aula – talvez com a exceção da primeira, atrapalhado pelo nervosismo de um iniciante – me sentia plenamente realizado e, ao fim, do curso, em pé, sobre duas pernas: do pesquisador e do professor. O relatório que os alunos fizeram sobre o curso – que me foi gentilmente permitido olhar pela secretaria do departamento, após anuência dos alunos –, tão cheio de palavras carinhosas, me certificava que a satisfação que eu sentia em aula era compartilhada pelos alunos.

Dessa forma, quando em abril de 2012 eu defendia minha tese – indicada para publicação, na qual se baseia o livro hoje no prelo – à banca formada por Marcelo Ridenti, José Roberto Zan, André Botelho, Carlos Sandroni e Renato Ortiz, eu o fazia com a certeza de que a travessia fora feita e que eu estava, de fato, dentro da carreira que me realiza.

2. Em diante

Entendo que haja três tipos de pesquisadores em sociologia: os que se voltam a estudar um objeto, os que se voltam a estudar um autor, um grupo de autores ou uma escola, e os que se voltam a estudar uma problemática. Somos, é claro, um pouco de cada, mas sempre nos parecemos mais com um ou com outro. Dessa forma, isso me faz crer que somos sempre incompletos. Ao me ver, ao menos até esta fase de minha carreira, como esse terceiro tipo – o que se volta ao estudo de uma problemática – sei que não serei capaz de dominar um objeto como seu especialista; também sei que não conhecerei autores ou grupos de autores, como seus melhores comentadores. Embora eu me obrigue a me aproximar ao máximo do conhecimento de um especialista e de um comentador, me sentirei sempre um passo atrás, um aprendiz de seus ensinamentos. Por isso, se neste memorial minha formação se encerra no item anterior, em minha vida, ela segue e sempre seguirá.

É com essa certeza que me inscrevi, assim que findo meu doutorado, no processo de pós-doutorado do IFCH-UNICAMP, para o qual fui selecionado, em junho de 2012, tendo sido a mim concedida, em seguida, uma bolsa de estudos da FAPESP. A partir desse fato, gostaria de refletir rapidamente sobre como vejo hoje minha carreira em termos de pesquisa.

Tanto meu mestrado quanto meu doutorado se fundaram sobre uma problemática. No primeiro, o que buscava entender era como a identidade nacional se articula na globalização. No segundo, queria saber como a valorização da diferença, presente no discurso da diversidade, se articula na relação entre universal e particular, levando ao condicionamento de vozes que se espalham no espaço global. A experiência que tive nessas duas pesquisas, as respostas que tive e, especialmente, as que não tive, permitiram que eu me encontrasse hoje em um momento no qual tenho uma certa clareza sobre as questões com as quais me sinto mais apto a trabalhar. Dessa forma, entendo que hoje sou um pesquisador da área da sociologia da cultura que se ocupa, especialmente, com as relações de força envolvidas na construção da alteridade, reconhecendo que essas se articulam no espaço global. Ainda, o que busco reconhecer de mais profundo em termos das relações sociais – interações e estruturas – é como se articulam, no âmbito da cultura, as relações de poder que ao mesmo tempo se descentralizam, se fragmentam, mas permitem processos de dominação e controle.

Dessa forma, o objeto que escolho para trabalhar essa ampla problemática depende do foco que dou a cada trabalho específico. No mestrado, adotei a música brasileira exportada; no doutorado, a World Music, tanto aquela relativa ao mercado quanto à academia. Neste momento do pós-doutorado, tomo o turismo para estudar, sendo que, sob a supervisão de Marcelo Ridenti, desenvolvo o projeto intitulado “Turismo e a construção da alteridade: a transformação simbólica das cidades-sede da Copa do Mundo de 2014 em destino turístico”. Contudo, assim como não me tornei um sociólogo da música, agora não atuo como um sociólogo do turismo, mas sim como um sociólogo da cultura, que a partir de uma problemática específica escolhe seus objetos de análise.

Dito isso, fecho essa introdução de memorial apontando que vejo no concurso com o tema “Teoria e Pensamento Social e Pensamento Social no Brasil” um diálogo claro entre minhas atividades de pesquisa e as de ensino, que a mim seriam colocadas, caso eu seja aprovado. Isso porque entendo que para ser capaz de dar conta das questões que levanto em minhas pesquisas, sou sempre obrigado a ter uma formação ampla, capaz de dialogar com várias vertentes e tradições do pensamento social, tanto no Brasil, quanto fora, algo que se exige em tal concurso.

É evidente que o ofício do ensino exigirá que eu expanda meus conhecimentos sobre essas vertentes e tradições, o que farei com intensa dedicação. Estou ciente de minha pouca experiência como professor, mas estou certo de que essa dedicação e a realização que tenho nesse ofício poderão, ao menos em parte, supri-la. Ao tempo caberá o resto. Por fim, saliento que estou ciente das obrigações burocráticas envolvidas na vida universitária e entendo que a vivência que tive em diversos centros acadêmicos me permite uma visão ampla sobre a função da universidade, sendo que levarei tal visão ao cumprimento de todas as atividades que a mim forem atribuídas.

I. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Michel Nicolau Netto

Data de nascimento: 23/12/1978

Nacionalidade: brasileira

Naturalidade: São José do Rio Preto/SP – Brasil

Filiação: José Carlos Nicolau e Célia Maria Novaes Moreira Nicolau

Estado civil: solteiro

Carteira de Identidade: 283374615 SSP - SP - 13/10/1995

CPF: 215.051.208-45

Título de eleitor: 2560841801/16

Certificado de isenção do serviço militar: 284.284-R

Endereço residencial: Rua Fradique Coutinho, 255, apto. 74

Pinheiros - São Paulo

05416-010, SP - Brasil

Telefone: 011 32228001

Celular: 011 979982123

Endereço profissional: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

Rua Cora Coralina, s/n

Cidade Universitária Zeferino Vaz - São Paulo

13081-970, SP - Brasil

Telefone: 019 35211614

Endereço eletrônico: michelnicolau@gmail.com

II. FORMAÇÃO ACADÊMICA

A. Pós-Doutorado. 2012 (término previsto para agosto de 2014)

Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, Brasil.

Supervisão: Marcelo Siqueira Ridenti.

Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP.

Título da pesquisa: *Turismo e a construção da alteridade: a transformação simbólica das cidades-sede da Copa do Mundo de 2014 em destino turístico.*

Resumo: *O tema da construção da alteridade é caro às ciências sociais. Do mesmo modo, o é o tema da viagem, notado nos movimentos do estrangeiro, imigrante, peregrino ou turista. Cruzando essas tradições, neste projeto nos atentamos à construção da alteridade a partir do turismo, prática essa que nasce no século XIX, mas que se define como dominante no século XX, se tornando cada vez mais global no século XXI. Se antes o turismo se concentrava nos viajantes das elites europeia e norte-americana e eram esses países praticamente os únicos receptores de turistas, hoje pessoas de todo o mundo viajam para os mais diversos lugares. O turismo se torna então uma indústria de âmbito planetário e os lugares são construídos, também simbolicamente, pela afirmação de supostas diferenças, pelas quais se formam os destinos turísticos. Dessa forma, esses lugares são redefinidos simbolicamente por fluxos dispersos, necessariamente globais.*

Com a Copa do Mundo de Futebol que ocorrerá no Brasil em 2014, a EMBRATUR e os governos locais ligados às cidades-sede se esforçam por desenvolverem ações promocionais visando a definir o Brasil e as cidades envolvidas como destinos turísticos. Contudo, esses não são os únicos agentes em articulação na definição simbólica, pois também os turistas trazem suas expectativas – e narrativas –, tanto quanto agências e operadoras de turismo, profissionais locais ligados à prática, etc. Temos, então, um contexto de embate simbólico, no qual os agentes buscam impor suas visões de mundo aos locais. Propomos estudar esse tema tendo como foco

justamente as ações promocionais ligadas às cidades-sede da Copa do Mundo de Futebol.

Na conclusão desta pesquisa, esperamos ser capazes de compreender não apenas as políticas privadas e públicas de turismo relacionadas ao evento, mas, sobretudo, os processos de definição simbólica – e seus conflitos –, envolvidos nos fluxos globais, na construção da alteridade.

B. Doutorado em Sociologia. 2008-2012

Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, Brasil.

Orientador: Renato José Pinto Ortiz.

“Doutorado Sanduíche” na Humboldt-Universität zu Berlin (Orientador: Christian Kaden)
Bolsista no Brasil da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.
Bolsista sanduíche do Conselho Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Título da tese: “O Discurso da Diversidade: a definição da diferença a partir da World Music”.

Resumo: A valorização contemporânea da diversidade revela um mundo atento à diferença. De fato, se um dia lutávamos pelo direito de sermos iguais, hoje, paradoxalmente, também clamamos pelo reconhecimento de nossas diferenças. Nesse sentido, vozes que discursam sobre essas diferenças hoje precisam ser ouvidas e ressoam pelo mundo ao habitarem o espaço global. Contudo, de que diferenças estamos falando? A permanência de nosso olhar no seio das relações sociais muitas vezes impede que notemos que, na verdade, as diferenças são construídas social e historicamente. Não basta que as coisas se diferenciem, mas é preciso um contexto no qual seja possível a seleção de índices suficientes de diferenciação para que essas sejam classificadas e, por consequência, hierarquizadas. Dessa forma, duas coisas se diferenciam apenas quando índices específicos são legitimados e, então, discursados. Por isso, a diferença é necessariamente uma construção discursiva que se realiza

pelas próprias práticas discursivas, mas que somente podem surgir em relação a determinadas realidades concretas.

Em nossa tese, mostramos que no século XIX a diferença fora construída a partir da organização do exótico. É em relação a ele, em um momento no qual o discurso universal e a nação criavam a separação entre internalidades e externalidades centradas no imperialismo europeu, que a diferença fora articulada. Na contemporaneidade, contudo, o mundo perde seu centro e as relações entre externo e interno não mais podem organizar um discurso, sendo esse percebido na diversidade. O discurso da diversidade, portanto, surge na contemporaneidade como forma de ordenar o diferente a partir de bases concretas na sociedade, mas também por interrelações entre enunciados específicos.

Optamos por analisar a operação desse discurso em um objeto específico: World Music. Nele, a música é valorizada pela própria diferença, sendo então necessário se compreender quais os índices tornados suficientes para a diferenciação. Concluimos que neste objeto os índices privilegiados são o local e a etnia. Com essa mirada, então, mais importam as forças relacionadas à determinação dos índices do que a tentativa de se perceber um mundo mais ou menos homogêneo. É dessa forma que pudemos compreender as implicações sociais e o condicionamento das vozes presentes no discurso da diversidade.

Publicação consequente: livro no prelo, a ser lançado pela editora Annablume.

C. Mestrado em Sociologia. 2006-2007

Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, Brasil

Orientador: Renato José Pinto Ortiz

Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

Título da dissertação: “Discursos Identitários em Torno da Música Popular Brasileira”

Resumo: A música brasileira foi marcada, durante quase todo século XX, por sua ligação com a identidade nacional, num momento em que nação correspondia a um

Estado e a um Povo determinados, sendo que as relações entre esses três elementos e o resto do mundo se davam a partir da oposição interno/externo. Em um tempo atual no qual a identidade nacional é forjada a partir de um espaço global, a relação de forças que se apresenta em sua conformação é modificada.

Para entender esse processo, estudamos a música brasileira através dos discursos feitos em torno dela em referência a questões identitárias. Com isso, pudemos aclarar um cenário no qual identidades se hierarquizam a partir de uma complexa organização de forças cada vez mais controladoras e excludentes. Se por um lado vemos surgir possibilidades de identificações diversas na geração de sentido social, que denominamos, ao lado da identidade nacional, de identidades mundial e restritas, por outro vemos que as forças para a adequação individual ou coletiva a essas diversas identidades são distribuídas desigualmente. Em um cenário capitalista num nível global – no caso da música dominado por uma indústria cultural complexa, formada por instâncias tecnológicas e fonográficas, e por ideologias bem fincadas, que buscam estabelecer uma aura de democratização cultural – a alguns indivíduos e grupos é exigida a fixidez identitária enquanto para outros é oferecida a múltipla identificação. Se hoje a mobilidade é fator positivo de distinção – uma exigência do processo de globalização – a desigualdade está dada.

Ademais, a legitimidade da mobilidade na globalização transpassa para as identidades e aquelas com maior capacidade de se inserirem no espaço global e, portanto, se adaptarem aos padrões hegemônicos terão maior valor em um mercado mundial de símbolo. Pensando no caso da música, os artistas que se inserem no mercado mundial devem lidar de um lado com a sua própria capacidade de se moverem entre identidades e de outro com o valor que sua identidade, condicionado pela indústria, possui. Possibilidades libertárias e opressoras estão lançadas em um mesmo tabuleiro. Contudo, as peças do jogo não têm a mesma força para todos.

Publicação consequente: livro *Música Brasileira e Identidade Nacional na Mundialização*. São Paulo : Annablume, Fapesp, 2009.

D. Graduação interrompida em Letras-Alemão. 1998-2003

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas , FFLC/USP, Sao Paulo, Brasil

Orientadora: Claudia Sybille Dornbusch.

Título da Iniciação Científica. “Linguagens cinematográfica e literária em Traumnovelle, de Arthur Schnitzler, e Eyes Wide Shut, de Stanley Kubrick”.

Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

Ano de interrupção: 2003.

E. Graduação em Direito. 1997-2001

Faculdade Paulista de Direito da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP.

III. FORMAÇÃO COMPLEMENTAR

A. **Curso de curta duração.** 2009-2009

Humboldt-Universität zu Berlin, HU, Alemanha.

Curso: Deutsche als Fremdsprache Oberkurs C1.

Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

B. **Extensão universitária. Interrompido.** 2003-2003

University of London, UL, London, Inglaterra.

Curso: Em Arts Policy and Planning.

Ano de interrupção: 2003.

IV. IDIOMAS

Alemão: Compreende bem, fala bem, escreve bem, lê bem

Inglês: Compreende bem, fala bem, escreve bem, lê bem

Espanhol: Compreende bem, fala razoavelmente, escreve razoavelmente, lê bem

Francês: Compreende razoavelmente, fala razoavelmente, escreve pouco, lê bem

V. ATUAÇÃO PROFISSIONAL

A. **Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.** 2010-2010

Estagiário Docente do Programa de Estágio Docente - PED B.

Supervisão: Renato José Pinto Ortiz.

Atividades: organizei o programa e ministrei, entre agosto e dezembro de 2010, o curso Sociologia da Cultura, em Tópicos Especiais em Sociologia, para turma de graduação em Ciências Sociais. Também fui o responsável pela avaliação e aplicação de notas.

Carga horária: 12 horas semanais.

B. **Instituto Pensarte – IP.** 2003-2006

Diretor executivo

Atividades: fui responsável pela administração do Instituto e pela elaboração e implementação de projetos voltados para o debate sobre políticas públicas em cultura.

Carga horária: 20 horas semanais

C. **BM&A – Brasil Música e Artes.** 2003-2006

Diretor executivo

Atividades: fui responsável pela administração dessa OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse público) e pela elaboração e implementação de projetos voltados para a difusão da música brasileira no exterior.

Carga horária: 20 horas semanais

VI. PRÊMIOS E TÍTULOS

DSH 3. 2009

Concedido por Interdaf e.V am Herder Institut der Universität Leipzig, Alemanha, devido ao alcance de nível de proficiência em língua alemã. Para tanto, frequentei curso de quatro meses na mesma instituição, para o que contei com bolsa do Deutscher Akademischer Austausch Dienst – DAAD.

VII. PUBLICAÇÕES

A. Livros publicados

1. *Música Brasileira e Identidade Nacional na Mundialização*. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2009, v.1. p.242.
2. *Concerto para Duas Vozes*. São Paulo: Annablume (Coleção Dix Editorial), 2008, v.1. p.126. Em co-autoria com Fernando Martins Lara.

B. Livros no prelo

1. *O Discurso da Diversidade: a definição da diferença e a World Music*. São Paulo: Annablume. (previsão de publicação: 2013).

C. Capítulos de livros publicados

1. “Os condicionamentos da diversidade no mundo contemporâneo”. In: *Música: Cultura em movimento*. Socorro: Totem Musicais e ITC, 2009, p. 62-64.
2. “Diversidade Cultural e o sistema ONU”. In: BRANT, LEONARDO, *Diversidade Cultural: globalização e culturas locais: dimensões, efeitos e perspectivas*. São Paulo: Escrituras Editora, 2005, p. 131-147.

D. Artigos completos publicados

D.1. No Brasil

1. “Monetizing: o novo caráter do valor da música”. *Teoria & Pesquisa*, v.19/02, p.161 - 188, 2011.

2. "Crowdfunding e a agência da multidão". Publicado no site Overmundo: <http://www.overmundo.com.br/overblog/crowdfunding-e-a-agencia-da-multidao-apresentacao>, 2011.
3. "The conditions of global discourse of diversity: Music Encyclopedias, Dictionaries and Ethnomusicology". Revista Brasileira de Música, v.23, p.145 - 171, 2010.
4. "O Remix e o Haxixe: cultura popular e autenticidade na globalização". Estudos de Sociologia (São Paulo), v.13, p.45 - 63, 2009.
5. "Quanto custa o gratuito? Problematizações sobre os novos modos de negócio na música". ArtCultura (UFU), v.10, p.137 - 151, 2008.

D.2. No exterior

1. "Sobre a noção de "mundo" nos discursos culturais contemporâneos: relações entre universal e diversidade". Análise Social, v, XLVI, p.219 - 236, 2011.
2. "The discourse of diversity in the ethnomusicological description of the world: the redefinition of the particular and the universal". Musica Humana, v.2, p.21 - 53, 2010.

E. **Artigos aceitos para publicação**

1. "Música na Internet: descentralização e controle". Música Popular em Revista (Programa de Graduação em Música do Instituto de Artes da UNICAMP), 2012.
2. "The Discourse of Diversity: the making of identities in the music industry". Claves (João Pessoa. Impresso), 2010.

F. Textos completos publicados em anais de eventos

1. “A incoerência do hibridismo: o puro e o híbrido na noção de autenticidade dos discursos da World Music”. In: 8º Encontro Internacional de música e mídia: “Tão Longe... Tão Perto... A música migrante”, 2012, São Paulo.
8º Encontro Internacional de música e mídia: "Tão Longe... Tão Perto... A música migrante": anais eletrônicos, 2012.

G. Resumos publicados em anais de eventos

F.1. No Brasil

1. “A autenticidade e o hibridismo: o condicionamento das vozes globais”. In: 8. Encontro Internacional de música e mídia: “Tão Longe... Tão Perto... A música migrante”, 2012, São Paulo.
8º Encontro Internacional de música e mídia: "Tão Longe... Tão Perto... A música migrante": anais eletrônicos, 2012, p. 23, 24.
2. “As zonas de solidariedade entre as indústrias fonográfica e tecnológica: novas formas no negócio da música”. In: 34. Encontro Anual da ANPOCS, 2010, Caxambu.
Programa e Resumos 34. Encontro Anual da ANPOCS. São Paulo: ANPOCS, 2010. p.199 – 199.
3. “Discursos Identitários em Torno da Música Popular Brasileira” In: 4º Encontro de Música e Mídia: O Brasil dos Gilbertos, 2008, São Paulo.
O Brasil dos Gilbertos, 2008.

F.2. No exterior

1. “Diversity and National Identity in Globalization: The Brazilian Music Case” In:

Situating Popular Musics: 16th Biennial International Conference, 2011, Grahamstown - África do Sul.

IASPM 2011: Situating Popular Musics. , 2011. v.1. p.100 – 100.

2. “Diversity and National Identity in Globalization: The Brazilian Music Case” In: XVII Isa World Congress of Sociology: Sociology on the Move, 2010, Gothenburg – Suécia.

Sociological abstracts from CSA. San Diego, 2010. p.343 – 343.

3. “The price of the free: the new structure of the music industry” In: 2010 IASPM-Norden Conference Music, Law and Business, 2010, Espoo/Helsinki – Finlândia.

Music, Law and Business: IASPM-Norden Conference, 2010. p.25-25.

VIII. APRESENTAÇÃO DE TRABALHO, COMUNICAÇÃO, PALESTRA E AULA.

A. No Brasil

1. “A autenticidade e o hibridismo: o condicionamento das vozes globais”, 2012. Comunicação proferida no 8º Encontro Internacional de música e mídia: “Tão Longe... Tão Perto... A música migrante”, na ECA/USP, São Paulo.
2. “Música na internet: descentralização e controle”, 2012. Comunicação proferida na 4º Jornada em Música e Mídia, na Universidade Mogi das Cruzes – Campus Villa-Lobos, São Paulo.
3. “As novas formas de distribuição da música gravada e suas implicações sociológicas”, 2010. Aula proferida na Disciplina Produção Musical II – MP 260 do Curso de Graduação em Música, no Instituto de Artes da Unicamp, Campinas.
4. “As zonas de solidariedade entre as indústrias fonográfica e tecnológica: novas formas no negócio da música”, 2010. Comunicação apresentada no 34. Encontro Anual da ANPOCS, Caxambú-MG.
5. “Renato Ortiz: Um Mestre "Marginal"”, 2010. Comunicação proferida na mesa redonda “do ‘nacional-popular’ à modernidade-mundo”, na Universidade Nacional de Brasília, Campus Darcy Ribeiro, Brasília.
6. “Discursos Identitários em Torno da Música Popular Brasileira”, 2008. Comunicação proferida no 4º Encontro de Música e Mídia, na ECA/USP, São Paulo.
7. “Música e Globalização”, 2008. Aula proferida na Universidade Anhembi Morumbi, campus Morumbi, São Paulo.

8. “Discursos Identitários em Torno da Música Popular Brasileira”, 2007. Aula proferida no Curso de Música, Musicoterapia e Artes Plásticas da Faculdade Paulista e Arte, São Paulo.

B. No exterior

1. “Diversity and National Identity in Globalization: The Brazilian Music Case”, 2011. Comunicação proferida em “Situating Popular Musics: 16th Biennial International Conference”, da International Association for the Study of Popular Music, na Rhodes University, Grahamstown, África do Sul.
2. “Panorama y Evolución de la Industria da la Musica”, 2010. Comunicação proferida no Tercero Congreso Iberoamericano de Cultura, Las Músicas Iberoamericanas em el sigle XXI, em Medellin, Colômbia.
3. “The price of the free: the new structure of the music industry”, 2010. Comunicação proferida em IASPM-Norden Conference Music, Law and Business, em Espoo/Helsinki, Finlândia.
4. “Der Diskurs der Diversität in der Musik”, 2009. Trabalho apresentado para classe de Forschungsseminar, no Institut für Musikwissenschaft, da Humboldt-Universität, Berlim, Alemanha.
5. “Eurozentrismus und Globalisierung”, 2009. Trabalho apresentado no Blockseminar, no Institut für Musikwissenschaft, da Humboldt-Universität, Berlim, Alemanha.
6. “The Perception of the Idea of the World in the Music Industry”, 2009. Comunicação proferida no Congresso Sociology of Music 2009: Tendencies, Issues, Perspectives, promovido pela Universidade Nova de Lisboa e Humboldt-

Universitat, Lisboa, Portugal.

7. "Identity Discourses Around Brazilian Popular Music in the Global Space", 2007. Palestra apresentada no Seminar Musiksoziologie, no Institut fur Musikwissenschaft, da Humboldt-Universitat, Berlim, Alemanha.

IX. PRODUÇÃO TÉCNICA

1. **Supervisão de tradução de livro.** SMIERS, Joost. *Artes sob Pressão: promovendo a diversidade cultural na era da globalização*. São Paulo: Escrituras, 2006
2. **Co-coordenador editorial de livro.** OLIVIERI, Cristiane Garcia. *Cultura Neoliberal: leis de incentivo como política pública de cultura*. São Paulo: Escrituras, 2004.
3. **Co-coordenador editorial de livro.** BRANT, Leonardo. *Mercado Cultural: panorama crítico e guia prático para gestão e captação de recursos*. São Paulo: Escrituras, 2004.
4. **Co-coordenador editorial de livro.** MALAGOLDI, Maria Eugênia & CESNIK, Fábio de Sá. *Projetos Culturais: elaboração, aspectos legais, administração, busca de patrocínio*. São Paulo: Escrituras, 2004.

X. PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS

1. **Fórum de estudos internacionais e intercâmbio Expobelta**, 2011. Conferencista sobre o tema “A importância da internacionalização na educação”. São Paulo.
2. **34. Encontro Anual da ANPOCS**, 2010. Caxambú, MG.
3. **2010 IASPM-Norden Conference Music, Law and Business**, 2010. Espoo/Helsinki, Finlândia.
4. **II Encontro do Programa de Apoio Didático e do Programa de Estágio Docente (PAD/PED)**, 2010. Campinas, SP.
5. **Programa de Apoio Didático e Programa de Estágio Docente (PAD/PED - 2. Semestre de 2010)**, 2010. Campinas, SP.
6. **XIII Congresso Brasileiro de Sociologia**, 2007. Apresentou o pôster “Os Discursos Identitários em Torno da Música Popular Brasileira”. Recife, PE.